

RADIÂNCIA SENSORIAL:

PERSONAGENS PROSTITUTAS EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Bruno Mazolini de Barros (Doutorando em Teoria da Literatura pela PUCRS, CNPQ)

RESUMO

Riobaldo, ao narrar ao seu hóspede sua saga no sertão, além de contar sobre suas batalhas, sobre o pacto com o diabo e sobre Otacília e Diadorim, comenta também encontros marcantes que teve com prostitutas. A visão que o jagunço tem delas, porém, não é a socialmente legitimada naquele espaço; é uma imagem que, de certo modo, não é familiar ao sertão e aos seus companheiros de batalha. Em *Grande sertão: veredas*, as prostitutas Nhorinhá, Maria-da-Luz e Hortência estão em relações complexas com o ex-jagunço e com as outras mulheres que fazem parte da história dele.

**Palavras-chave** Literatura Brasileira; Grande sertão: veredas; Personagem; Prostituta.

## ABSTRACT

Riobaldo, while narrates to his guest his saga in the backlands, he tells not only about his battles, the pact with the devil and Otacília and Diadorim, he also comments about encounters he had with prostitutes. The vision that the gunman has of them, however, is not the socially legitimized in that space; it's an image not familiar to backlands area or to his companions of battle. In *Grande sertão: veredas*, the prostitutes Nhorinhá, Maria-da-Luz e Hortência are in complex relations with Riobaldo and the other women that are part of his personal history.

**Keywords:** Brazilian literature. *Grande sertão: veredas*. Character. Prostitute.

*Entre folhas, surpreende-se  
na última ninfa  
o que na mulher ainda é ramo e orvalho  
e, mais que natureza, pensamento  
da unidade inicial do mundo:  
mulher planta brisa mar,  
o ser telúrico, espontâneo,  
como se um galho fosse da infinita  
árvore que condensa  
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida.*

Carlos Drummond de Andrade, “A metafísica do corpo”.

## 1. UMA DAS VEREDAS NO SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

*Grande sertão: veredas* apresenta ao leitor um conteúdo “reverberante como um imenso caleidoscópio” (MOISÉS, 2004, p. 350). Dentro desse jogo de imagens e pequenas narrativas que é o romance como um todo, questões como a existência do diabo, a vida de jagunço e o conturbado amor pelo companheiro de grupo Diadorim vão estar entrelaçadas, dando forma ao que é uma das obras paradigmáticas na literatura brasileira.

Na busca pela vingança da morte de Joca Ramiro, Riobaldo, em suas andanças pelo sertão, acaba encontrando mulheres que marcaram a sua vida. No processo de trazer ao seu interlocutor não fatos alinhados, mas reminiscências e palavras que não explicitam tudo vivido, ele coleta momentos da vida no sertão, reconstruindo a sua vida, a fim de contá-la ao seu hóspede. Em meio às batalhas e aos amores por Otacília e Diadorim, figuram também Nhorinhá e outras prostitutas, personagens que são apresentadas de maneira peculiar ao interlocutor, o hóspede de Riobaldo.

Em um apanhado da obra de Guimarães Rosa, Passos (2009) acredita que parte das personagens femininas estão além de serem meras figuras que representariam o mundo arcaico do interior de Minas Gerais. Para a estudiosa, algumas mulheres rosianas “se constituem a partir de fortes desejos pessoais, de reelaborações que invertem a tradição literária e de tensões que as tornam ambíguas e detentoras de ‘poderes informais’” (2009, p. 182, grifo da autora).

A partir dessa perspectiva, o modo peculiar de Riobaldo encarar as prostitutas será abordado, neste presente estudo, levando em consideração também, o que Kathrin Rosenfield aponta sobre as mulheres de *Grande sertão: veredas*: todas elas estão “sob o signo da ‘alegria’” (2006, p. 272, grifo da autora). Estão incluídas nisso as meretrizes do sertão construído por João Guimarães Rosa.

É preciso sublinhar que Riobaldo, o narrador-personagem, é um jagunço peculiar, um jagunço que, além de guerrear, tem um senso profundo dos problemas do homem. Tem, no mínimo, dos seus próprios problemas. Ele é um questionador nato, que vai tentar analisar a fundo os dados e experiências que colheu no sertão. O próprio jagunço tem consciência dessa característica pessoal:

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (ROSA, 2006, p. 5).

Ele não aceita ideias prontas: questiona, busca, vai a fundo no proposto. Mesmo quando um dado vinha de Diadorim, Riobaldo agia dessa maneira:

– ‘Você vai conhecer em breve Joca Ramiro, Riobaldo...’ – o Reinaldo veio dizendo. – ‘Vai ver que ele é o homem que existe mais valente!’ Me olhou, com aqueles olhos quando doces. E perfez: – ‘Não sabe que quem é mesmo inteirado valente, no coração, esse também não pode deixar de ser bom?!’ Isto ele falou. Guardei. Pensei. Repensei. Para mim, o indicado dito, não era sempre completa verdade. Minha vida. Não podia ser. Mais eu pensando nisso, uma hora, outra hora (ROSA, 2006, p. 149).

Riobaldo não acatou o que o amigo disse, mas pensou mais de uma vez no dito. Para ele, nada, em um primeiro momento, era tomado como verdade. Ele, na companhia de outros jagunços, tinha consciência dessa particularidade no modo de pensar e ser:

Eu era diferente de todos? Era. Susto disso – como me divulguei. Alaripe, o Quipes, mesmo o calado deles, sem visagens, devia de ser diverso do meu, com menos pensamentos. Era? Sei que eles deviam de sentir por outra forma o aperto dos cheiros do cerradão, ouvir desparelhos comigo o comprido ir de tantos mil grilos campais (ROSA, 2006, p. 568-569).

Tatarana, além de ter recebido certa escolaridade, era questionador, tinha uma percepção diferente da dos outros jagunços. É diferente, inclusive, de seu fiel companheiro de bando, Diadorim: “Diadorim tem a convicção da fé que não duvida, mas adere firmemente a pressupostos inquestionáveis. Riobaldo, ao contrário, demonstra a inquietude do observador agudo que interroga os pressupostos à luz da experiência viva” (ROSENFELD, 2008, p. 53). Assim peculiar, Riobaldo desaprova inclusive a postura dos outros jagunços, como os liderados por Hermógenes, que efetuavam saques e estupros: “Esbarrávamos em lugar, as pessoas vinham, davam o que podiam, em comidas, outros presentes. Mas os Hermógenes e os cardões roubavam, *defloravam demais*, determinavam sebaça em qualquer povoação, renitiam feito peste” (ROSA, 2006, p. 56-57, grifo nosso).

Por um lado, esse modo particular de lidar com as ideias vai destoar não só em relação à moral geral vigente no sertão ou ao diabo, por exemplo, mas também na forma de Riobaldo ver e se relacionar com prostitutas. Por outro lado, as sensações e as imagens que surgem no discurso de Riobaldo enquanto lembra-se das moças podem indicar também que toda essa racionalidade foi, de certa maneira, sobrepujada pelos ricos atributos sensoriais que essas personagens parecem ter ou despertar, de acordo com a percepção que o jagunço tem delas anos depois.

## 2. AS DEUSAS DO SERTÃO

Em “A profissão mais antiga do mundo e o trabalho feminino”, Ramos (2000) afirma que as prostitutas estão na história da humanidade desde a Idade da Pedra, quando eram então uma espécie de sacerdotisas mediadoras entre o humano e o divino. Depois, passaram a ter não só uma função religiosa, mas também política, e, posteriormente, ocupando diferentes postos ao longo da história.

Com o advento da sociedade dominada pelo pensamento patriarcal e judaico-cristão, a prostituta passa a ocupar um papel de contraponto ao ideal de mulher-esposa, corporificado por Maria, a mãe de Jesus. A prostituta, então, assume a posição de

mulher profana, pública, da rua. Não renuncia à sexualidade e se responsabiliza pela suposição de saber sobre o sexual que lhe é endereçada; em sua posição de resistência diz não à inocência, à infantilização, à saída da vida, recusando-se à santificação do feminino, e ‘deveria’ ter abdicado da maternidade, por sua impureza. Ora são vítimas, enfraquecidas pelo pecado, ora detentoras de poderes demoníacos. Sua identidade está ligada à desonra, à ostentação da sedução como marca. Também já foi desviante, louca, contaminada, quando o Iluminismo introduziu a noção de patologia, no século XVIII. Se a esposa está fora de circulação, a ‘outra’ está nos palácios, nos teatros, nas batalhas, no comércio; desamarrada das referências familiares e quase fora das convenções sociais, não fosse a prostituição uma das convenções mais arraigadas (RAMOS, 2000, p. 134-135, grifos da autora).

De maneira geral, a representação da prostituta no mundo moderno considera mais o aspecto da prostituta que envolve o “erótico, misterioso e o profano [...], elas e os prostíbulos, em suas diferentes representações, marcam metonimicamente certa segregação moral e estigma social” (MOREIRA, 2007, p. 239). Como pode ser averiguado a seguir, isso não se realiza em *Grande sertão: veredas*.

O ex-jagunço parece não estar preso a essas amarras judaico-cristãs, não, pelo menos, em relação às lembranças que tem da bela Nhorinhá, das duas “militrizes” do Verde-Alecrim, Maria-da-Luz e Hortência,<sup>1</sup> ou até mesmo das prostitutas anônimas que são mencionadas no romance. Ele não as encara como sujas, como demoníacas ou loucas; ele não as segrega moral ou socialmente no sertão. Essa postura, a esperada principalmente em uma sociedade cristã-patriarcal que vigora em grande medida no sertão da obra, não se manifesta *completamente*; não no discurso do jagunço, pelo menos. Além disso, na forma como Riobaldo lembra-se delas, as próprias prostitutas, especialmente Nhorinhá e as do Verde-Alecrim, não parecem estar posicionadas à margem da sociedade.

---

<sup>1</sup> Infere-se que as duas são consideradas prostitutas por Riobaldo, visto que, em meio ao relato sobre o período com elas, Riobaldo discorre sobre as qualidades de o que seria uma “militriz”, além de compará-las diretamente com Nhorinhá, como demonstrado a seguir.

## 2.1 “NHORINHÁ, GOSTO BOM FICADO EM MEUS OLHOS E MINHA BOCA”

A primeira prostituta a aparecer na narrativa é Nhorinhá. Riobaldo a conheceu por acaso, na Aroirinha, quando já estava no bando de jagunços envolvidos na empreitada de vingar a morte de Joca Ramiro. Ela foi quem deu vazão ao encontro:

– “Ô moço da barba feita...” – ela falou. Na frente da boca, ela quando ria tinha os todos dentes, mostrava em fio. Tão bonita, só. [...]. De repente, passaram, aos galopes e gritos, uns companheiros, que tocavam um boi preto que iam sangrar e carnear em beira d’água. Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado. Então eu entrei, tomei um café coado por mão de mulher, tomei refresco, limonada de pêra-do-campo. Se chamava Nhorinhá (ROSA, 2006, p. 33).

Para o jagunço, a moça não era uma mulher comum: era bonita, e com todos os dentes; no sertão, talvez, nem todas fossem assim. No encontro, envoltos pela poeira vermelha, já tiveram o primeiro contato físico antes mesmo de manterem um diálogo. Esse ponto da narrativa está sob o signo do “vermelho”: o da poeira que envolve Riobaldo com Nhorinhá e o do sangue do animal que será assassinado. Assim, enquanto os companheiros estavam sob o vermelho que se relaciona com a morte, Riobaldo estava sob o vermelho que o envolvia nessa nova paixão, envolto em uma poeira que o tornava uno à moça: nas palavras de Riobaldo, eles eram “nós”, por exemplo, e não “eu e ela”.<sup>2</sup>

Em seguida, entra na casa da moça, de quem recebe café e suco. Esse primeiro encontro já aponta dois dados peculiares que envolvem a relação do jagunço com esse tipo de mulher: uma clara relação delas com o paladar de Riobaldo e certa carga de magia relacionada às prostitutas. Sobre esse momento com a moça, que ocorreu fora de alcance dos olhos ciumentos de Diadorim, ele continuou contando ao hóspede:

---

<sup>2</sup> Em seu aspecto negativo, o vermelho pode ser a cor da guerra, do ódio, mas em seu aspecto positivo, é a “cor da vida, do amor, do calor, da paixão, da fecundidade” (BECKER, 1999, p. 295).

Recebeu meu carinho no cetim do pêlo – alegria que foi, feito casamento, sponsal. Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá. Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspassar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi (ROSA, 2006, p. 33).

A relação sexual com Nhorinhá não foi corriqueira, foi permeada pela alegria, por uma espécie de sensação matrimonial. Riobaldo não faz, em relação a ela, uma separação recorrentemente nas sociedades modernas ao longo da história: “Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta” (GIDDENS, 1993, p. 54).

Como observa Nunes (1983), o prazer sexual com essa prostituta não é maculado pela noção de pecado. Ele encontrou em Nhorinhá uma felicidade que seria possível com uma esposa, ou seja, numas das concepções cristãs ocidentais, com uma mulher que fosse digna para casar, de compartilhar uma vida doméstica. Assim, Riobaldo, apesar de não estar despido de moral — ao classificar a experiência como “sponsal”, ele situa-se nos padrões morais do que é considerado bom, digno —, ele não a enquadra, pelo menos, como mera fonte de prazer sexual.

Ainda nesse primeiro encontro, frutas são mencionadas: depois do café e da pêra-do-campo, a mangaba. Na literatura, por exemplo, frutas como figo, romã e maçã podem estar relacionadas a desejos sensuais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007). Neste caso, ao relacionar Nhorinhá com essas frutas típicas do sertão, ele não só expressa a sensualidade e a capacidade dela de prover prazer sensorial (pêra-do-campo e a mangaba são suculentas, alimentam, faz-se sucos e doces com elas), mas também a coloca como parte do sertão (e não como algo à margem, algo de fora, impuro, mas sim *natural*).

Em seguida, a moça o presenteou com um amuleto e ofereceu uma imagem milagrosa para Riobaldo beijar, o que, segundo ele, foi de grande ajuda. Se Nhorinhá estivesse para ele na categoria de suja ou demoníaca, aceitar algo dela seria mau agouro. Mas o jagunço, além de aceitar, afirma ao hóspede que o amuleto deu-lhe assistência quando precisou. Se o resultado foi positivo e se ela, uma prostituta, detinha uma imagem cristã milagrosa, Nhorinhá está mais para santa do que para pecadora. Ainda, a mãe da moça, Ana

Duzuza, era filha de ciganos e vidente conhecida no sertão. Tudo isso já dá ao encontro com Nhorinhá, e à própria moça, uma carga de magia, uma certa sacralidade que ultrapassa ao corriqueiro do mundo, do meramente profano.

Além disso, vale lembrar que, antes da relação sexual, Nhorinhá dá café (um estimulante, “coado por mão de mulher”, frisa) e suco, alimentando-o, dando força ao parceiro. O vigor, o impulso sexual de Riobaldo não é algo só dele, mas que vem, de certa maneira, da moça e/ou por meio dela. O estímulo para o ato que estava eminente não foi fruto só da beleza da moça e de seu próprio desejo por ela, mas o vigor vem também por meio da nutrição. A força do paladar vai estar nas lembranças de Riobaldo sobre a prostituta por quem se descobriu apaixonado, ao receber uma carta, oito anos depois do primeiro encontro com ela:

Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento. [...] Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. *Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca*. De lá para lá, os oito anos se baldavam (ROSA, 2006, p. 99-100, grifo nosso).

Ao relembrar, Riobaldo revive o encontro saboroso e fugaz no sertão. Ele tem consciência de que, na mente dele, a beleza dela tinha ganhado proporções maiores que as reais, mas isso não destrói a beleza e o sabor quente, como a pimenta, que, segundo ele, a moça possuía: “Nhorinhá prostituta, pimenta-branca, boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno. Confusa é a vida da gente; como esse rio meu Urucuia vai se levar no mar” (ROSA, 2006, p. 190).

Os conflitos que Riobaldo encontra na vida não se restringem somente à relação com seu pai biológico, ao controverso amor pelo amigo Diadorim, ao fato de ter sido jagunço e ao pacto com o diabo, mas também um embate com a linguagem com a qual tenta dar forma à Nhorinhá. Ela é prostituta, mas tem bafo de menino pequeno. Prostituta é, geralmente, algo impuro; mas criança, não. A linguagem parece não conseguir enquadrar a

contradição das forças condensadas na filha de Ana Duzuza: “A mais, com aquela grandeza, a singeleza: Nhorinhá puta e bela” (ROSA, 2006, p. 311).

## 2.2 “AQUELAS MULHERES, BELEZAS ASSINS, DANDO DELÍCIAS, BELISTROCAS...”

Antes da batalha final no Paredão — local onde a busca por Hemógenes e a guerra entre os bandos se encerra, e onde a vida de Riobaldo ganha um novo rumo —, o jagunço faz uma visita ao Verde-Alecrim. Lá, é recebido pelas belas Maria-da-Luz e Hortência.

O local era tão exuberante que, segundo Riobaldo, deveria ser nomeado “Paraíso”. As moças eram donas da propriedade, onde outras famílias moravam e cultivavam, servindo-as, convivendo harmoniosamente. Em Verde-Alecrim, quando não estavam recebendo ninguém (como o jagunço define a situação ao qual se encontrava), as ricas moças viviam “amigadas”.

Se com Nhorinhá teve uma experiência sob o signo do vermelho, aqui, Riobaldo estava sob o signo do verde, cor “tranquilizante, refrescante, *humana* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007, p. 939, grifo dos autores). Na terra das duas, o jagunço vai encontrar as qualidades que essa cor representa.

Apesar de não serem tão belas quanto Nhorinhá, elas eram, mesmo assim, bonitas. Maria-da-Luz

era morena: só uma oitava de canela. Os cabelos enormes, pretos, como por si a grossura dum bicho – quase tapavam o rosto dela mesma, aquela nhazinha-moura. Mas a boquinha era gomo, ponguda, e tão carnuda vermelha se demonstrava. Ela sorria para cima e tinha o queixo fino e afinado. E os olhos água-mel, com verdolências, que me esqueciam em Goiás... Ela tinha muito traquejo. Logo me envotou. Não era siguilgaita simples (ROSA, 2006, p. 526).

Ela tinha lábios vermelhos e cabelos escuros, longos de fios grossos, olhos esverdeados e lembrava uma mulher árabe.<sup>3</sup> As características enumeradas parecem ser a de uma mulher forte, que se impõe. A importância dada à descrição do cabelo pode ser relacionada no romance a uma de suas simbologias: não representa somente disponibilidade e desejo; tendo em vista que detém relações íntimas com o corpo que o possui, o cabelo indica também a concentração espiritual das virtudes *de quem* os possui, como apontam Chevalier e Gheerbrant (2007). Riobaldo reconhece-a não só como mera fonte de prazer mas também como mulher *com poder*.

Já Hortência era

meã muito dindinha, era a *Ageala*, conome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso, como frio para de madrugada se abraçar... Ela era ela até no recenso dos sovacos. E o fio-do-lombo: mexidos em curvos de riacho serrano, desabusava. Comprimento exato dele, assim, o senhor medir nunca conseguia (ROSA, 2006, p. 526).

A primeira lembra uma mulher moura, carregando a imagem de um povo guerreiro, morena de traços que passam força. Já a segunda, branca, delicada. Em *Grande sertão: veredas*, o jogo de forças das duas mulheres reflete no próprio prazer de Riobaldo: “No meio delas duas, juntamente, eu descobri que até mesmo meu corpo tinha duros e macios” (ROSA, 2006, p. 526). Os corpos delas – os quais Riobaldo compara com elementos do sertão – agem sobre o jagunço, levando-o a descobrir aspectos de sua sexualidade. Aqui cabe ressaltar que “Muitos homens que regularmente visitam prostitutas desejam assumir um papel passivo, não ativo, quer isso envolva ou não práticas sadomasoquistas reais (GIDDENS, 1993, p. 139). Apesar de não ser possível afirmar isso categoricamente baseando-se no romance, é interessante o uso ambíguo de “duros e macios” por Riobaldo.

Assim como foi com Nhorinhá, ele também recebe comida delas: “No meio daquela noite, andei com fome, não quis cachaça. Me descansei, comi uma coalhada muito fria. Comi bolo com cidrão. Bebi bom café, adoçado com um açúcar de primeira, branco igual”

---

<sup>3</sup> Vale observar que a primeira experiência sexual de Riobaldo foi com Rosa'uarda, filha do comerciante turco Assis Wababa.

(ROSA, 2006, p. 526). Novamente, a força de Riobaldo não é autônoma, e sim amparada pelo o que as meretrizes o oferecem. As comidas são frias e quentes, claras e escuras: como Nhorinhá antes (grande e singela, puta e bela); como as duas agora (morena e clara, forte e delicada), aspectos que poderiam ser considerados opostos ou contraditórios estão conciliados, harmonizados, na experiência com as prostitutas.

Além da alimentação, assim como com Nhorinhá, há o efeito meio sobrenatural, quase mágico, dessas duas moças. Quando pedem a Riobaldo para que deixe o jagunço Felisberto com elas, Riobaldo se enraivece, mas a força de Maria-da-Luz e de Hortência se sobrepõe a dele: “Eu podia dar bofetadas – não fosse a só beleza e a denguiça delas, e a estroina alegria mesma, *que meio me encantava*” (ROSA, 2006, p. 527, grifo nosso). Além da magia da “denguiça”, elas tinham o poder da palavra: “Tanto elas disseram, que tudo transformavam. Mulheres” (ROSA, 2006, p. 529). Elas não só atingiam um objetivo ou conseguiam algo, elas o faziam com o poder de *transformar*.

Quando questionado por Ageala Hortência sobre o porquê da resistência em deixar o sentinela Felisberto com elas, Riobaldo conta ao seu hóspede: “Danado eu disse que não; e ela: - ‘Tu achou a gente casual aqui, no afrutado. Tu veio e vai, fortunosamente. Tu não repartindo, tu tem?...’ – assim ela me modificou. A doidivã, era uma afiançada mulher. No sertão tem de tudo” (ROSA, 2006, p. 528). Ela afirma que ele as achou como frutas num galho, questionando-o diretamente, ele, um chefe jagunço. Arriscando-se, Ageala modifica Riobaldo. Ela se impõe, fazendo-o ter de pensar no assunto e não só a se negar a discutir. Com sua magia, elas vencem, acalmam-no, e Felisberto passa a ocupar o mesmo lugar que o chefe dos jagunços ocupou, em uma subversão de hierarquias. Como se estivesse ali em um descanso em que recuperaria forças, Riobaldo sai do Verde-Alecrim rumo ao encontro decisivo com Hermógenes, do qual sobrevive.<sup>4</sup>

Apesar de todas essas qualidades, as duas não eram como a prostituta Nhorinhá: “Como que o amor geral conserva a mocidade, digo – de Nhorinhá, casada com muitos, e

---

<sup>4</sup> Simbolizando renovação, o verde também é a cor da “esperança, da longa vida e da imortalidade” (BECKER, 1999, p. 294).

que sempre amanheceu flor. E, isto, a torto digo, porque as duas não se comparavam com Nhorinhá, não davam nem para lavar os pés dela” (ROSA, 2006, p. 525).<sup>5</sup>

Paralelamente ao caso de Maria-da-Luz e Hortência, é significativo mencionar que, em *Corpo de Baile*, publicado no mesmo ano que *Grande sertão: veredas*, na narrativa “A estória de Lélío e Lina”, Guimarães Rosa apresenta duas mulheres, uma morena e outra branca, Conceição e Tomásia, que, geralmente aos domingos, recebem os vaqueiros na casa que vivem juntas, sem cobrar. Eles as denominam “tias”, como alerta um dos visitantes da casa: “Menino, não fala em raparigagem não, que com direito elas desse nome não gostam...” (ROSA, 2001, p. 222). Como as duas do Verde-Alecrim, elas não cobram, moram juntas e têm como fonte de renda outra atividade que não é a sexual.

### 2.3 RESPEITO E SENSAÇÕES

Ao se lembrar das experiências que teve com prostitutas, o jagunço fala ao interlocutor de sua postura perante elas. Ele acredita, porém, que não se deve conversar sobre esse tipo de assunto com visitas — “Digo ao senhor. Mas o senhor releve eu estar glosando assim a seco essas coisas de se calar no preceito devido” (ROSA, 2006, p. 173).

Esta ressalva de Riobaldo pode ser um reflexo de uma sociedade sob a moral cristã, visto que em outras culturas não ocidentais “a *ars erotica* era, em geral, uma especialidade feminina, quase sempre limitada a grupos específicos; as artes eróticas eram cultivadas por concubinas, prostitutas ou pelos membros de comunidades religiosas minoritárias” (GIDDENS, 1993, p. 74). Ou seja, algo não moralmente inferior. No entanto, ele não deixa de relatar seus encontros, visto que acha importante esclarecer o envolvimento que teve com Nhorinhá. A sua postura com as prostitutas era a mesma que teve com a primeira moça com quem manteve relações sexuais:

---

<sup>5</sup> Ao mesmo tempo, visto o enumerado acerca delas, as duas moças do Verde-Alecrim, de diferentes modos, dividem com Nhorinhá certas características: “Nhorinhá, a configuração da prostituta do sertão, de representação do amor carnal, de Géia (Gaia -?) – a Mãe-terra *acolhedora e fértil* – de Afrodite entregando-se total e prazerosamente ao homem” (VALLADARES, 2000, p. 542, grifo nosso).

Pelas ocasiões que tive, e de lado deixei, ofereço que Deus me dê alguma minha recompensa. O que eu queria era ver a satisfação – para aquelas, pelo meu ser. Feito com a Rosa'uarda, sempre formosa, a filha de Assis Wababa, sonhos meus, turcamente; e que a qual, não lhe disse: o pai dela, que era forte negociante, em todo tempo nanja que não desconfiou. Feito com aquela moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza. Digo ao senhor (ROSA, 2006, p. 173).

Depois de ter uma experiência infeliz com uma prostituta que se alterou, nervosa, o jagunço contou que nunca mais passou por situações em que deixou uma mulher desconfortável, e fazia, desde então, como fez com Rosa'uarda ou com Nhorinhá. Para Riobaldo, era muito importante que as prostitutas também se satisfizessem com a relação sexual:

Eu queria, com as faces do corpo, mas também com entender um carinho e melhorrespeito – sempre a essas do mel eu dei louvor de meu agradecimento. Renego não, o que me é de doces usos: graças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades (ROSA, 2006, p. 235-236).

Para ele, elas eram doces, irmãs, bondosas.<sup>6</sup> Esse tipo de postura de Riobaldo revela o quão diferente ele era dos outros jagunços que, quando estavam com prostitutas, agiam como se por influência de um instinto selvagem, animalesco:

E eu era igual àqueles homens? Era. Com não terem mulher nenhuma lá, eles sacolejavam bestidades. – ‘Saindo por aí’, – dizia um – ‘qualquer uma que seja, não me escape!’ Ao que contavam casos de mocinhas ensinadas por eles, aproveitavelmente, de seguida, em horas safadas. – ‘Mulher é gente tão infeliz...’ – me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias. Aqueles homens, quando estavam precisando, eles tinham aca, almiscravam. Achavam, manejavam. Deus me livrou de endurecer nesses costumes perpétuos (ROSA, 2006, p. 172).

---

<sup>6</sup> Características também das já mencionadas Conceição e Tomásia, de “A estória de Lélío e Lina”, de *Corpo de Baile*: “elas eram irmãs de bondade, no diário, no atual, e tudo mereciam. Não recebiam dinheiro nenhum - só lá, de vez em quando, quem queria dar um presentinho - e estavam ali sempre às ordens” (ROSA, 2001, p. 229).

Riobaldo era jagunço como os companheiros, mas não agia como eles. Diadorim, por motivos diferentes, também não o fazia. No caso do amigo, a tristeza que ele vê na condição social da mulher não está relacionada somente a das prostitutas, mas também a sua própria. Diadorim precisa assumir uma identidade masculina porque, como mulher, não poderia realizar a empreitada de acompanhar o pai, Joca Ramiro, e, mais tarde, de realizar a vingança que busca.

Quando define e relaciona dados sobre prostitutas enquanto conta suas aventuras no sertão, Riobaldo usa comparações que acabam por valorizar esse tipo de mulher, dar-lhes um novo lugar na sociedade. Além da magia que parece rodeá-las, elas são como flores, como o mel, como frutas e joias. Elas são “do mel” (ROSA, 2006, p. 236) e de “doces usos” (*Ibidem*, p. 236). Nhorinhá é como a “itamotinga” (*Ibidem*, p. 311), pedra brilhante, é uma “flor amarela do chão” (*Ibidem*, p. 377), “Recebeu meu carinho no cetim do pêlo” (*Ibidem*, p. 33). Maria-da-Luz e Hortência eram “flores” (*Ibidem*, p. 529).<sup>7</sup> Assim, as três são todas flores, e prostitutas.

Ao relacioná-las aos elementos enumerados acima, a visão de Riobaldo parece desprender-se do conceito de que prostitutas são impuras. Além de alinhá-las a elementos que podem ser relacionados à delicadeza e pureza, como o mel e a flor, ao relacioná-las com o paladar, e com sua própria nutrição ao receber comida delas, a ideia de contaminação, seja moral ou física, não vinga.

Além disso, nessa mesma linha, o prazer carnal ligado ao prazer gustativo já aparecia na primeira experiência sexual de Riobaldo, com Rosa'uarda. Quando visitava a casa dela, além de namorá-la escondido, desfrutava do banquete turco oferecido pelo pai da moça: “O que apreciei – carne moída com semente de trigo, outros guisados, recheio bom em abobrinha ou em folha de uva, e aquela moda de azedar o quiabo – supimpas iguarias. Os doces, também” (ROSA, 2006, p. 114).

Com essa percepção que tem delas, as prostitutas não estão categorizadas à parte da sociedade por Riobaldo, como o oposto do ideal cristão, ideal esse corporificado por

---

<sup>7</sup> Hortência tem nome de flor, assim com Rosa'uarda.

Otacília. Esta cumpre o papel da mulher santa, e ele ao ver flores lembra-se dela: ela é a santidade, a mulher recolhida, a “esposa fora de circulação” (RAMOS, 2000, p. 135).

Riobaldo fala das flores e desse recolhimento ao hóspede:

E em Otacília eu sempre muito pensei; tanto que eu via as baronesas amarasmeando no rio em vidro – jericó, e os lírios todos, os lírios-do-brejo – copos-de-leite, lágrimas-de-moça, são-josés. Mas, Otacília, *era como se para mim ela estivesse no camarim do Santíssimo* (ROSA, 2006, p. 310, grifo nosso).

Assim, essas mulheres da vida de Riobaldo estão sob o signo das flores: o paradoxo impuro *versus* impuro não existe entre essas relações. Com a não formação do jogo de oposição entre os papéis delas, as prostitutas são simplesmente mulheres *diferentes* do ideal representado por Otacília, um ideal de santidade cristã, mas não inferiores.

No discurso de Riobaldo, a imagem da futura esposa é “construída como a de uma beleza sem mácula, à qual não cabem reparos, em tudo ela é clara e conhecida, celeste, ‘quase’ anjo” (RONCARI, 2004, p. 248, grifo do autor). Apesar dessa valoração de Otacília, essa equanimidade de Riobaldo, em relação aos dois tipos de moça – as que são socialmente reconhecidas para casar (as “indisponíveis”) e as que são consideradas para usar (as “disponíveis”) –, é explicitada quando ele relata sua chegada na casa de sua pretendida.

Segundo o jagunço, na frente de casas de moças de família, casadoiras, sempre plantam-se, intencionalmente, uma flor branca, conhecida como “casa-comigo”:

De propósito plantam, para resposta e pergunta. Eu nem sabia. Indaguei o nome da flor.

– “Casa-comigo...” – Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu maisquerer. E o nome da flor era o dito, tal, se chamava – mas para os namorados respondido somente. Consoante, outras, as mulheres livres, dadas, respondem: – “Dorme-comigo...” “Assim era que devia de haver de ter de me dizer aquela linda moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza, nos Gerais confins; e que também gostou de mim e eu dela

gostei. *Ah, a flor do amor tem muitos nomes* (ROSA, 2006, p. 190, grifo nosso).<sup>8</sup>

Para ele, há flores variadas; e como explicitado, as prostitutas são algumas delas. Essas inter-relações entre as características das diferentes mulheres com quem Riobaldo deitou-se – de um lado, Otacília e Rosa'uarda, de outro, Nhorinhá, Maria-da-Luz e Hortência –, assim como entre elas e Diadorim, confirmam o que Nunes (1983) explica sobre os três tipos de amor de Riobaldo em *Grande sertão: veredas*:

o enlevo, por Otacília, moça encontrada na Fazenda Santa Catarina, a flamejante e dúbia paixão pelo amigo Diadorim, e a recordação voluptuosa de Nhorinhá, prostituta, filha daquela Ana Duzuza, e versada em artes mágicas. São três amores, três paixões qualitativamente diversas, que chegam por vezes a interpenetrar-se (NUNES, 1983, p. 144).

Nessa tríade, Roncari (2004) coloca Nhorinhá como um amor que não remete nem a Deus (como Otacília) e nem ao diabo (como Diadorim). Além disso, ele lê a relação de Riobaldo com a prostituta como um encontro do jagunço com Afrodite. Nessas conexões entre as mulheres, é possível também sublinhar no amor de Riobaldo por Diadorim a participação de semblantes de o que ele sente por Nhorinhá e por Otacília, de forma que estão presentes “nessa relação os três aspectos do erotismo levantados por Georges Batallie: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado” (ROCHA, 2003, p. 386).

Além desse tipo de valoração que recebem, vale observar que, no romance, não há menção a pagamento às prostitutas, não há transação comercial-financeira para consumação do ato sexual. Por um lado, os bandos de jagunços (grupo do qual Riobaldo fez parte) agem como saqueadores nas cidades, tomando e usufruindo de tudo sem pagar, e até

---

<sup>8</sup> A relação de Riobaldo com mulheres-flores, além das prostitutas-flores da vida adulta, é desde a juventude: “Curralinho era lugar muito bom, de vida contentada. Com os rapazinhos de minha idade, arranjei companheirice. Passei lá esses anos, não separei saudade nenhuma, nem com o passado não somava. Aí, namorei falso, asnaz, ah *essas meninas por nomes de flores*” (ROSA, 2006, p. 114, grifo nosso). Todas essas mulheres, em algum nível, parecem comportar diferentes aspectos relacionados à simbologia da flor, como espiritualidade, amor, harmonia, juventude e virtude (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2007).

promovendo estupros; por outro, ao rememorar, o pagamento não é um dado importante para Riobaldo, ou talvez ele esteja colocando esses encontros com Nhorinhá, Hortência e Maria-da-Luz como excepcionais.

Outro dado significativo é o fato de o local de interação não ser uma casa de prostituição, e sim a casa da mãe ou em casa própria. Não sendo em um bordel, sem pagamento e valorizando a interação com elas, na memória de Riobaldo está desmontado o “papel da prostituta, que faz ‘por dinheiro’ aquilo que outras mulheres fazem ‘por amor’ e que vive em uma ‘casa que não é um lar’ (WAGNER, 2010, p. 57, grifos do autor). Não há, assim, comércio; não há, de certa forma, uma atividade que seja prostituição propriamente dita, apesar de Riobaldo se referir a elas como meretrizes.

Há uma referência a “bordel”, no romance, para tão somente ilustrar o quão desenvolvida é uma determinada localidade. A prostituta com a qual Riobaldo interage não é nomeada. No entanto, como as outras, é fonte de alegria:

Mas entramos num arraial maior, com progresso de bordel, no hospedado daquilo usufruí muito, sou senhor [...] Saí alegre do bordel, acinte. [...] Mulher esperta, cinturinhazinha, que me fez bem. O senhor releve e não reprove. Demasias de dizer sobem com as lembranças da mocidade (ROSA, 2006, p. 192-193).

### 3. PROSTITUTAS DE VEREDA ROSIANA

O rico esplendor sensorial possuído e gerado por essas mulheres parece assemelhar-se a alguns dos recôncavos do próprio sertão percorrido por Riobaldo. Elas estão como que integradas a um exuberante espaço geográfico. Um espaço de águas, matas e pássaros cantantes, de descanso, um espaço fértil, potente:

Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes – mais antes do Campo-Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho. Tresmente: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o anis enfeitando suas moitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim-marmelada é muito restível, redobra logo na

brotação, tão verde-mar, filho do menor chuvisco. De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro as todas as cores de borboletas. Como não se viu, aqui se vê. Porque, nos gerais, a mesma raça de borboletas, que em outras partes é trivial regular – cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco do ar, do limpo, desta luz enorme. Beiras nascentes do Urucuia, ali o povi canta altinho. [...] Bom era ouvir o mom das vacas devendo seu leite [...]. Tardinha que enche as árvores de cigarras – então, não chove. Assovios que fechavam o dia: o papa-banana, o azulejo, a garricha-do-brejo, o suiriri, o sabiá-ponga, o grunhatá-do-coqueiro...(ROSA, 2006, p. 27-28).

Se as mulheres que se relacionam com Riobaldo estão “sob o signo da ‘alegria’, ou seja, de um prazer pleno e intocado tanto pela culpa como pela vergonha ou pela abjeção” (ROSENFELD, 2006, p. 272, grifo da autora), nesse grupo não estão somente Diadorim, Otacília e Rosa’uarda, mas também as prostitutas, principalmente Nhorinhá. Estas últimas são personagens que estão afastadas, dentro do romance, no discurso de Riobaldo, de o que seria um *lugar comum* delas, assim como das características que normalmente lhes são atribuídas: as personagens prostitutas ganham assim uma representação além do papel social recorrente que lhes caberiam no sertão do romance.

Assim como outras figuras femininas rosianas, pode-se dizer, a partir de todos esses dados levantados acima, que a prostituta

incorpora a transgressão necessária ao sertão arcaico e gerenciado por homens. Vítima de uma severa ordem patriarcal, cabe-lhe rebelar-se de diferentes modos, não apenas para se constituir sujeito de seu viver, como também para reafirmar uma das faces das narrativas da qual fazem parte: a subversão (PASSOS, 2009, p. 188).

Isso se observa, por exemplo, na atitude de Nhorinhá em escrever para Riobaldo, almejando uma relação afetiva com ele (algo além da interação casual), e na liberação proporcionada pelo poder econômico de Maria-da-Luz e Hortência, que culmina até em um enfrentamento verbal desta última com o então líder jagunço (PASSOS, 2009).

Quando, em sua lembrança, Riobaldo liga-as a todos esses elementos elencados, ele as valoriza. No entanto, é preciso sublinhar que, ao valorizá-las, ele acaba valorizando-se:

não deixa de se colocar como homem capaz de desfrutá-las, de não se intimidar pelo poder delas, exibindo assim ao hóspede sua própria *força*. Expor e manter uma virilidade ao interlocutor ao longo do discurso, pelo menos até a revelação final, é importante, visto que a sexualidade de homem jagunço, dentro dos padrões então correntes no sertão, está comprometida, por exemplo, pelos conflituosos sentimentos que nutre por Diadorim. Afinal, “Diadorim se vincula aos medos que o perseguem: o pacto com o diabo e o amor associado à homossexualidade interdita para o grupo” (PASSOS, 2009, p. 185).

De modo geral, talvez essas prostitutas podem inclusive ser tomadas até como exemplo para ilustrar o que Antonio Candido chama de “super-regionalismo” em seu ensaio acerca da literatura latino-americana, no qual menciona a obra de Guimarães Rosa. Assim como outros dados de *Grande sertão: veredas*, essas personagens são construídas com elementos “não realistas” e com “técnicas antinaturalistas” (em uma nova elaboração da linguagem), mas aproveitando-se de o “que antes era a própria substância do nativismo, do exotismo e do documentário social” (CANDIDO, 1989, p. 161), em uma representação literária que supera o aspecto documental do mundo do patriarcado do sertão.

No entanto, é importante mencionar que as prostitutas não deixam de ter, mesmo com todas as características que Riobaldo apresenta, a condição de serem objetos de desejo disponíveis e, assim, desfrutáveis. Conseqüentemente, elas ainda têm no romance, mesmo que parcialmente, uma relação com seu papel social comum em muitas comunidades, inferiorizadas, uma vez que: “Prostituir-se projeta a imagem de um corpo oferecido, sem resistências, passível do toque indiscriminado” (FRANGELLA, 2000, p. 230).<sup>9</sup>

De qualquer maneira, Riobaldo, quase no final de seu relato, afirma que encarou todas essas mulheres com destreza e respeito. Além disso, deliciou-se, sem julgá-las socialmente. Enquanto conta a sua passagem pelo “Paraíso”, local de Maria-da-Luz e Hortência, o jagunço afirma:

---

<sup>9</sup> De certa forma, no Verde-Alecrim, isso é explicitado a Riobaldo na fala de Hortência: “Tu achou a gente casual aqui, no afruitado” (ROSA, 2006, p. 528). Ou, nas próprias palavras dele, como já mencionado, elas são “de doces usos”.

quando há leal, é amor de militriz. Essas entendem de tudo, práticas da bela-vida. Que guardam prazer e alegria para o passante; e, gostar exato das pessoas, a gente só gosta, mesmo, puro, é sem se conhecer demais socialmente... (ROSA, 2006, p. 525).

O estrato da sociedade ao qual essas mulheres bondosas e “do mel” pertencem não importa. Para ele, “as adúlteras, moças e meretrizes amadas no percurso das suas andanças, não são menos dignas ou menos encantadoras do que a moça de família Otacília, protegida nos seus ‘territórios e buritizais’” (ROSENFELD, 2006, p. 272, grifo da autora). Riobaldo gosta delas pelas qualidades que elas possuem, ser meretriz é um dado que não as inferioriza.

Sendo assim, no romance, essas mulheres acabam por se aproximar mais do papel que tinham em sociedades arcaicas, quando eram mediadoras entre o humano e o divino, nas quais tinham um papel significativamente positivo na organização social, e afastam-se do papel pejorativo que passam a assumir principalmente na Era Moderna. As personagens prostitutas, em *Grande sertão: veredas*, são a própria abundância sensorial, como o espaço que Riobaldo percorre em sua rememoração: ele encontra deleite em olhá-las, ouvi-las, tocá-las e em até alimentar-se pelas mãos delas. Além dessa alegria que geram, elas são sobrecomuns, mulheres que têm uma certa aura mágica ou um aspecto mitológico, com poder de enfeitiçar pela fala, pela beleza, pelo prazer.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. “A metafísica do corpo”. In: \_\_\_\_\_. **Nova reunião: 23 livros de poesia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015. p. 862-863.

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Paulus, 1999.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

- FRANGELLA, Simone Miziara. Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua. **Cadernos pagu**. Campinas, nº. 14, p. 201-234, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. v. 3. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOREIRA, Ariágda dos Santos. O espaço da prostituta na literatura brasileira do século XX. **Revista Caligrama**. Belo Horizonte, nº.12, p. 237-250, dez. 2007.
- NUNES, Benedito. “O amor na obra de Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. Coleção Fortuna Crítica. v. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1983. p. 144-169.
- PASSOS, Cleusa Rios P. Passos. “Vozes femininas na obra de G. Rosa”. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel. **Espaços e caminhos de Guimarães Rosa**: dimensões regionais e universalidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 182-189.
- RAMOS, Liz Nunes. A profissão mais antiga do mundo e o trabalho feminino. In: APOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.
- ROCHA, Karina Bersan. Veredas do amor no grande sertão. In: DUARTE, Lélia Parreira [et al.] (Org.). Seminário Internacional Guimarães Rosa (2001 : Belo Horizonte). **Veredas de Rosa II**. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003. p. 383-388.
- RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa – Mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém** (Corpo de Baile). 9a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Grande sertão**: veredas. Coleção Biblioteca do Estudante. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Desenveredando Rosa**: A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Grande sertão**: veredas - Roteiro de leitura. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

VALLADARES, Nelly. "A visão erotizada do amor em *Grande sertão: veredas*". In: Seminário Internacional Guimarães Rosa (1998 : Belo Horizonte). **Veredas de Rosa**. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000. p. 541-546.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Submetido à publicação em 15 de novembro de 2017.

Aprovado em 03 de fevereiro de 2018.